

# O Recreador Mineiro.

## PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 4.º

15 DE OCTUBRO DE 1846.

N. 44.

### AS MAIORES NOITES EM DIVERSAS PARTES DO MUNDO

Deveremos a Mr. Balbi o quadro seguinte da duração relativa da maior noite em diversos lugares da terra, desde o equador até a ilha de Melville.

Nomes dos lugares.	Latitude.		Duração da noite.	
	graus.	min.	horas.	min.
Quinto. . . . .	0	13	12	00
Pará. . . . .	1	28	12	06
Cayenna . . . . .	4	46	12	16
Pondichery, . . . . .	11	55	12	45
Haiti . . . . .	19	46	13	16
Chihuahua no Mexico	28	40	15	49
Ispahan . . . . .	32	24	14	14
Lisboa. . . . .	38	48	14	56
Alicante . . . . .	38	21	14	45
Carcassona . . . . .	43	12	15	15
Dijon . . . . .	47	19	15	46
Pariz . . . . .	48	50	15	50
Arras . . . . .	50	17	16	16
Dublin . . . . .	53	31	16	46
Copenhague . . . . .	55	41	17	15
Riga . . . . .	56	57	17	46
Stockholmo . . . . .	59	20	18	15
Abo . . . . .	60	27	18	44
Drontheim . . . . .	63	24	20	00
Umeo . . . . .	63	50	20	15
Archangel . . . . .	63	35	20	47
Uleo . . . . .	65	3	21	15
Tornco . . . . .	65	50	22	14
Enouthekies . . . . .	68	30	45	Dias
Wardhuns. . . . .	70	22	66	Dias
Gabo do Norte. . . . .	71	2	71	Dias
Ilha Melville. . . . .	75	00	102	Dias

## FOLHETIM

MUMA SÓ PAIXÃO E DOUS CASAMENTOS POR AMOR.

É hũa recordação do outono passado. Já a estação das chuvas ia muito adiantada. As collinas de Uriage despião sua túnica verdejante, e a terra desaparecia por debaixo de hum funebre tapete de folhas seccas e de ramos cahidos. Já nos não atreviamos a subir depois do jantar á torrinha gothica de Uriage que domina, qual altiva castellã a antiga aldea de Vizille. O penetrante nordeste do mez de setembro obrigava-nos já a procurar um asylo na sala principal da casa dos banhos.

Uma noite entre outras a sociedade estava reunida no seu grande estado completo. Eu tomei lugar conforme o meu costume junto do velho doutor M..., de Grenoble, meu companheiro de viagem e meu cicerone. Um cavalheiro e uma senhora, recentemente chegados ás aguas de Uriage, aproximaram-se do piano para cantar o bello dueto do *Barbeiro Dunque io son*.... quando se sentio o estrondo de uma carruagem rodando no pateo. A pesar da escuridão, apenas minorada por hum raio da lua, o doutor conheceo os viajantes e disse:

— Por vida minha! é o conde e a condessa de Marné.

A este nome notou-se um movimento geral nos grupos da sala. Uns levantarão-se, outros entrarão a cochichar. A execução do dueto ficou adiada indefinitamente e o doutor deixou-me para ir com-

primmentar os nobres hospedes cuja chegada produzia hũa tão universal sensação. Logo que elles apparecerão entre portas, reinou em toda a companhia hum curioso e profundo silencio.

O conde de Marné tinha vinte e seis annos de idade. Sua cabeça, abundantemente coberta de cabellos pretos e annellados com graça, podia passar por um typo completo de belleza meridional. A pallidez que reinava em todas as suas feições tirava-lhes a aspereza e severidade que talvez se lhes podessem notar. A sua estatura era alta e elegante. A condessa tambem offerecia hum modelo de graça e de perfeição poetica. Seus grandes olhos azues tinham hũa expressão melancolica que attrahia o respeito e os cuidados. Por seu olhar contristado, pelo amaro do seu sorriso, era facil conhecer que seu coração gemia sob o peso de intensa magoa, cujo segredo a boca não ousava trahir. Depois de saudar polidamente o conde e a condessa, o doutor voltou para o seu lugar junto de mim.

— Que lindo par é este que agora chega? perguntei-lhe eu ao ouvido.

— Pois não o conheceis?

— Não.

— Pois não sabeis a historia deste bello moço que não teve mais do que *uma paixão* em sua vida, mas que, entretanto, fez *dous casamentos por amor*?

— Nada disso sei.

— Que cason com duas mulheres sem ter sido viuvo?

— Nunca ouvi fallar em tal.

— E a quem se chama em Grenoble a oitava maravilha do Delphinado?

— Ainda menos!!

— Neste caso, quereis que vos dê a explicação do enigma;

— Com muito gosto; mas preveno-vos, doutor, que desconfio muito do maravilhoso. Se ides contar huma historia como as das *Mil e una Noites*, ou hum conto fantastico no gosto de Hoffman, declaro que o não acreditarei.

— É huma historia muito simples, proseguio elle, e que ganha muito em ser contada sem atavios.

E depois de ter saboreado huma pitada de macoubá, começou nestes termos:

“ O conde Alfredo de Marné pertence a uma das melhores familias do Gévandan. Foi em 1834 que eu o encontrei na cidade de Grenoble, em casa do duque de Lailly. Elle ia regularmente ás suas partidas, e mesmo de dia visitava-o amidadas vezes. O velho duque tinha huma filha que contava apenas 18 annos de idade, hum anjo de doçura, de belleza e de espirito. Alfredo amava Rosina, e era talvez amado: mas, ou fosse porque a úmidez companheira inseparavel de huma primeira paixão, refreasse o fogo de seus desejos, ou porque quizesse dar ao seu amor o tempo necessario para fortificar-se, soube por tal modo affectar indifferença o frieza, que todos se enganaram a respeito de seus sentimentos, sendo o proprio M. de Lailly do numero daquelles que nada suspeitavam. Entretanto, foi preciso tomar hum partido. Uma vez

bem certo de que amava Rosina nunca lhe passou pela idéa que podesse haver alguma força humana capaz de obstar a que lhe consagrasse toda a sua vida caso que Rosina quizesse aceitar esse sacrificio. O unico consentimento que realmente lhe dava cuidado era o da moça; mas ella mostrava-se tão boa para com elle sorria-lhe com tanta doçura que o temor de huma repulsa nunca tinha entrado nas suas previsões. Resolveo-se, pois a pedir ao duque a mão de sua filha. Porem M. de Lailly, orgulhosamente envolto na sua duplicada aristocracia de nascimento e de dinheiro, não achou Alfredo nem bastante rico nem bastante nobre. Queria que Rosina fosse duquesa e que as 100,000 libras de renda que dava á espôsa fossem convenientemente contrabalançadas pelo dote do espôso. Ora não preenchendo Alfredo nenhuma destas condições, soffreu huma repulsa muito clara e positiva. Ferido na sua mais cara affeição Alfredo resolveu alcançar a mão de Rosina mesmo contra a vontade de seu pai e ate se applaúdiu de poder ser devedor da sua ventura somente ao amor do Mlle. de Lailly. O que nao conseguirão os amantes? Poderão com effeito, fugir e o duque vio-se obrigado a dar o seu consentimento. O casamento celebrou-se sem estrondos e sem pompa. O mais que o duque fez foi dignar-se assistir á cerimonia religiosa, que teve lugar á meia noite, no mais escuro canto da capella do castello e pode dizer-se, só na presença de Deos. Eu fui a unica testemunha

desta união. Ella tinha alguma cousa de singular e de solenne. Ao romper do dia os dois casados partirão pela posta para Vareuil, pequena aldea fronteira do Delphinado onde Alfredo tinha hum propriedade. O duque de Lailly dirigio a seu genro hum adeos secco e frio, e teimou em não querer pronunciar hum palavra de perdão. Isto foi certamente hum violencia para elle; mas entendeu que só assim salvaria sua honra: triste victoria que a si proprio ganhou e que devia produzir tão tragicos resultados.

« Vinte e quatro horas depois, o conde e a condessa estavam instalados em Vareuil. Ahi dissiparão-se pouco a pouco as más recordações de Grenoble. Só eu é que fui admittido na sua intimidade e, fallando a verdade, não sei se seria possivel ao poeta o mais exigente imaginar hum amor mais intenso, hum felicidade mais completa. Passarão-se assim seis mezes. Alfredo e Rosina vivião pacificamente no seio desta pura felicidade cuja harmonia nenhuma voz humana, nenhum acontecimento estranho tinhão ainda ousado perturbar, quando hum catastrophe horrivel, espantosamente combinada pelo acaso veio cabir como o raio sobre estas duas tenras flores, cuja aste se elevava tão alegremente para o céu.

« Uma tarde o jardineiro do castello chamou o conde de parte para o avisar, dizia elle, de hum acontecimento que interessava sua honra. Ao principio Alfredo não fez grande reparo no ar mysterioso de Jeronimo; mas este insistio, e Al-

fredo seguio-o ate á extremidade da lameda. Chegando ahi, Jeronimo parou e, apontando para hum pavilhão que o conde mandára recentemente construir affirmou que na noite antecedente vira entrar para elle hum desconhecido com a condessa de Marné. Se Alfredo tivesse sabido melhor moderar os transportes da sua alma, não acreditaria logo á primeira vez nesta brutal denuncia. Porém a setta tinha-o atravessado. Elle era dotado de hum sensibilidade que o punha de hum instante para outro á disposição das mais contrarias paixões. A idea da vingança occorreu-lhe com a primeira suspeita. Tomou logo a sua resolução. Pretextou hum viagem hum negocio indispensavel, e partio. Rosina ficou só no castello. No dia seguinte, ao anoitecer, Jeronimo introduzio furtivamente Alfredo na quinta. Este agachou-se por detraz de huma espessa caniçada, e esperou inutilmente por espaço de hum grande hora.

« Finalmente, no momento em que a lua, elevando-se acima dos loureiros começou a alluminar o ceo, appareceu-lhe ao longe hum sombra negra sobre os degrãos da escada da casa. Armou instinctivamente duas pistolas que tinha escondidas debaixo do capote. A sombra approximou-se: era Rosina, Rosina mais tranquilla e mais bella que nunca. Ella andava devagar, sem preocupação, sem fazer caso do assobiar da brisa nas folhas do arvoredo, nem do sinistro ruído que fazião as aves nocturnas na sua passagem. Alfredo protrou nas

feições de Rosina o indicio de uma inquietação involuntaria, fosse ella qual fosse, mas em vão. Ella ia com a cabeça levantada e não tinha ar nem de esconder-se nem de fugir. Empurrou a porta do pavilhão; no pavilhão não estava ninguém. Sentou-se em hum sofá de frente da janella aberta e poz-se a contemplar o céu. Alfredo ia pouco a pouco perdendo a colera; suas prevenções desvanecião-se huma por huma diante desta serenidade perfeita que proclamava a innocencia de Rosina. Suppôz que Jeronimo a tinha impudentemente calumniado, e estava quasi a ir pedir-lhe perdão; mas de repente parou e, pallido como a morte, encostou-se a huma arvore. Rosina ja não podia justificar-se, acabava de entrar hum homem na quinta. A condessa, ao avista-lo, deixou escapar hum grito de surpresa foi ao seu encontro e estendeo-lhe a mão. O desconhecido subio os degrãos e beijou Rosina na testa. A porta fechou-se logo que elles entraram.

« O conde precipitou-se para o pavilhão, arrombou a porta e fez fogo com ambas as pistolas ao mesmo tempo. Só Rosina é que foi ferida, e cahio sem proferir huma palavra. Mas do peito do desconhecido exhalou-se hum gemido surto. Esta união tinha de ser desgraçada, murmurou com voz rouca. Deos não a abençoou. O' céu! nada de piedade para com elle! o miseravel assassinou minha filha!

« Logo que se unvio o estrondo, toda a gente de casa correo com luzes ao pavilhão, e vio Rosina estendida no chão toda ensan-

guentada e o duque de Lailly orando sobre seu corpo. Quanto ao conde de Marnó esta prova era superior ás suas forças; não tinha podido supportar o espectáculo da sua vingança consummada; echarão-no cahido sem sentidos no ultimo degrão da escada do pavilhão. O duque, ja quebrado pelos annos não tinha forças para supportar tao violento golpe; morreu nessa mesma noite de hum ataque de apoplexia. As ultimas palavras que proferio foram o perdão de Rosina e a maldição de Alfredo.

« A condessa esteve muitos dias entre a vida e a morte. Foi ferida no lado direito do peito por baixo da clavícula, entre a primeira e a segunda costella. Só hum milagre do céu podia salva-la e este milagre teve lugar. A operação foi mais bem succedida do que eu esperava. Mas, emquanto que eu folgava por este resultado a saúde de Alfredo inspirava-me serios receios; a emoção cruel sob que a sua imaginação lutava tinha-lhe derramado no cerebro o germen de uma enfermidade moral que se tornava mais assustadora pelo caracter de tranquillidade e de reflexão que apresentava. O ardente delirio da febre foi substituido por hum delirio frio, arrazoado, sem remedio. Só o nome de Rosina é que o arrancava a este torpor da alma e de's sentidos e então o desgraçado sofria longas e horriveis convulsões; e se, para o consolar, eu lhe dizia que Rosina estava salva, que elle tornaria a ve-la, e que brevemente irião recommear esta vida de felicidade e de amor que operas po-

dia julgar-se interrompida, cravava os olhos em mim, apertava-me a mão e respondia: « — Pobre Rosina, amava-a tanto! Pensar que « está morta, é horrível! mas assim foi preciso e Deos não me « pode querer mal por isso, não é « assim? Eu fiz justiça! »

» Desde então julguei que devia prohibir toda a communicação entre Alfredo e Rosina. A condessa concebeo logo huma suspeita horrível, e supplicou-me que lh'a destruisse ou confirmasse com huma só palavra: — Alfredo é morto! exclamou ella angustiada. Oh! não m'o occulteis! — Morto? respondi eu, melhor fora talvez que o estivesse, senhora. Alfredo endoudeceu.

« Deixei Rosina em Vareuil e levei Alfredo para as minhas terras do Mont-d'Or. Afastando alli do seu espirito e da sua vista tudo quanto podia envenenar as profundas feridas da sua alma, tratei de domar a exaltação da sua intelligencia pela indigra do corpo. Não tardou em contrahir o gosto pela caça e por todos os prazeres animados. Eu não queria dar-lhe tempo para pensar nem para recolher-se em si. Este tratamento pareceo fazer-lhe bem.

« Eu recibia amiudadas vezes cartas de Rosina, mas tinha o cuidado de lh'as não mostrar. No fundo do seu retiro, Rosina morria de tristeza, não concebia que sua presença podesse ser nociva ao bem estar de Alfredo. Tive hum trabalho incrivei para persuadi-la que, se se dêsse demasiada pressa em vir ve-lo, o seu amor, por mais admiravel que fosse, não faria senão matar o doente, tornando a abrir a fe-

rida ainda mal cicatrizada do seu coração. A razão do amor rendeo-se por fim á razão da sciencia. Rosina não me tornou mais a pedir para ir ao Mont-d'Or. Contentou-se em ler as minhas cartas e em pedir a Deos pela saude de seu marido.

« Entretanto, a saude do conde ia-se restabelecendo sensivelmente. Eu tinha conseguido elevar, entre a sua vida passada e a sua vida presente a barreira impenetravel do esquecimento. Era pois tempo de jogar o ultimo lanço, submeter a uma prova definitiva esta cura tambem delineada: em huma palavra, reunir Alfredo e Rosina. Preparei tudo para huma partida em que eu queria que a experiencia tivesse lugar. Convidei para ella algumas pessoas com quem o conde de Marne tinha convivido antes do seu casamento, assim de que antes que tudo renovasse o seu conhecimento com ellas; queria esclarecer-lhe pouco a pouco a intelligencia, e prepara-lo assim á emoção decisiva cujo resultado seria irrevogavel. Ah! é preciso dizer-lo, eu mesmo recuava diante desta hora suprema, por que a convalescença de Alfredo podia ser apenas hum lethargo enganador. Era talvez abrir-lhe muito cedo os olhos. Mas o que havia eu fazer? Já tinha decorrido hum anno. Rosina desolava-se desta espera sem fim, e pedia-me que me compadecesse della. Não pude resistir por mais tempo; marquei o dia, Rosina chegou primeiro. E' impossivel imaginar hum acto mais tocante do que o que apresentavaõ as attentões e obsequios com quo Rosina

sina foi recebida por todos os assistentes de hum e de outro sexo. Nunca vi em parte alguma heroina que fosse mais festejada. Fi-la sentar na cadeira que estava mais longe da porta da entrada. A sua mão estava fria ella mal podia respirar e soste-se. Lançou hum olhar furtivo para esta multidão que avidamente a contemplava, e em todos os olhos leu esta palavra magica: Esperai! Bem quizera ella dar hum signal de agradecimento: mas o seu coração estava cheio o seu peito opprimido.

« — Animo! disse-lhe eu em voz baixa.

Ella respondeume com hum sorriso angelico:

« — Não me faltou para o soffrimento, te-lo-hei para a felicidade

« Sali da sala prometendo voltar immediatamente com o doente. Desde então huma anxiedade devoradora pesou sobre todos os pensamentos. Todos esperarão em silencio e como que não ousando mesmo respirar.

« Apareceu enfim o conde de Marné. Um estremecimento imperceptivel percorreu toda a assembléa. Apresentei-lhe dous ou tres dos seus antigos amigos. Conheceo os perfeitamente e conversou com elles com muita facilidade e espirito. Sua conversação desembaraçada e lucida manifestava huma justeza e precisão de memoria verdadeiramente maravilhosas. A alegria brilhava em todos os rostos.

« Alfredo deo algumas voltas pelo meio do circulo. Pareceo que os convidados travavaõ entre si algumas conversas particulares, mas na

realidade toda a attenção se dirigia mysteriosamente para elle. Passou muito tempo com a maior tranquillidade e indifferença; depois folheou os albuns e os cadernos de musica que estavaõ sobre a mesa. Finalmente deo com os olhos em Rosina.

« Pareceo então entregar-se a uma penosa preocupação. Levantou-se em silencio e foi sentar-se justamente defronte della.

« Rosina fez hum leve movimento para correr para elle; mas encontrou o seu olhar frio e severo, e abaixou os olhos.

« Manifestou-se em todos os semblantes hum indizivel susto. Julgou-se que Alfredo meditava huma vingança. Só Rosina ficou tranquilla immovel resignada.

» Os meus receios eraõ fundados. O mal do conde tinha degenerado em monomania. Rosina branca e fria como o marmore, com as mãos postas por effeito de huma contração nervosa não ousava levantar mais a cabeça com medo de tornar a encontrar este olhar secco e carregado que a fazia morrer. Era preciso a todo o custo arranca-la deste supplicio furta-la a esta fascinação. Mandeí vir mesas de jogo fiz estrondo com as cadeiras, arrastando-as e batendo com umas contra as outras e pedi a huma seõhora que preludilo-se com força no piano. Esta repentina bulha fez o effeito que eu esperava. Alfredo veio apressado para o meu lado e com hum tremor convulso mostrou-me a condessa de Marné.

« — Esta mulher é bem linda!

Não se parece com a minha pobre Rosina? Oh! dizei-me o seu nome, doutor, dizei-me o seu nome.

« A verdade te-lo-hia de certo malado. Recobi humo inspiração do céo, e respondi-lhe a todo o risco.

« — O seu nome? . . . Henriqueta de Luzval;

» Tirou a carteira e escreveu: *Henriqueta de Luzval*, e desappareceu.

« Corremos todos para junto da condessa e prodigalisamos-lhe todos os desvelos; ella estava desmaiada, e seus beijos rocos apenas articulavaõ alguns vagos lamentos e confusos gemidos. Quando abriu as palpebras, lançou para as senhoras que as sostinhão hum olhar amorteido e desesperado que queria dizer: obrigado. Pondo depois a mão sobre a sua cicatriz e voltando-se para mim, disse a custo:

« — Olhai, doutor, esta ferida doem-me menos!

« Erao horas de recolher. Rosina manifestou o desejo de estar só. Alfredo, mettido no seu quarto, reba sem cessar o nome que havia escripto na carteira, e estava dominado por hum violenta agitação. Só se deitou alta noite.

» Logo de manhaa a condessa veio procurar-me.

« — Doutor, disse-me ella, malogrou-se a vossa empreza; não recobeis que vos ponha a culpa. Reconheço que pozestes em pratica tudo quanto a sciencia e a amizade podiao fazer. A idea de huma republição nao poderia entrar em minha alma. Assim pois, só tenho a fazer vos humo rogatião. Dizei que

junte os meus aos vossos cuidados. O que peço é hum pequeno lugar entre vós e elle. Quando julgardes que a minha presença poderá ser-lhe util, chamai-me; quando virdes que ella se torna nociva, mandai-me sahir. Mas, ao menos, habitarei na mesma casa em que elle habitar, respirarei o mesmo ar que elle respirar. Por piedade não exijais huma segunda separação.

» Consenti em tudo quanto Rosina queria. Porem exigi, como primeira condição para a sua residencia em Mont-d'Or, que ella accitasse o novo baptismo por que eu a havia feito passar na vespera por minha propria autoridade. Rosina de Marné passou a chamar-se Henriqueta de Luzval.

» A nossa existencia tomou desde este dia huma direcção inteiramente nova, e a doença do conde revestio-se de hum caracter de poesia verdadeiramente admiravel. Não houve hum só pessoa no Mont-d'Or que se lembrasse alguma vez de tomar por doudo este bello mancebo, cuja linguagem era tão cheia de circunspecção e de dignidade. A sociedade de Henriqueta tornou-se-lhe indispensavel, estava sempre junto della. Henriqueta mesmo, cuja alma comprehendia toda a qualidade de sacrificios, tinha sabido crear hum simulacro de felicidade, tinha achado o meio de só crer feliz.

« — Ver Alfredo, dizia-me ella, ouvi-lo, acompanhá-lo, ficar sendo sua amiga e sua irmaa, eis o que eu ambiciono. D'ora á vante a minha vida consistirá nisso.

» Eu estava longe de ter a mes-



ma certeza que a condessa tin a. O que ella via com seu amor julgava-o eu com a minha razão e tudo me agourava huma crise imminente. Pouco tardarão em confirmar-se as minhas previsões.

» O conde quiz hum dia fallar-me a sós. Levou-me para o fundo de hum valle, pediu-me que me sentasse a seu lado e, estendendo-me a mão disse :

» — Tenho de fazer-vos huma confidencia. Vos e Deos sereis os únicos depositarios della. Todo o tempo que me resta de vida dependerá da decisão que vou tomar. Ouvi-me.

» Aproximei-me mais, e elle continuou :

» — Ninguem melhor do que vos sabe se eu amei Rosina. Ella occupou aqui hum lugar que potencia alguma poderia roubar-lhe. Matei a verdade, a esposa infiel mas nem por isso a memoria da amante deixará de existir inteira no meu coração. Rosina foi a estrella da minha vida: embora esta estrella perdesse hum tanto ou quanto do seu brilho, ve-la-hei sempre pairar por cima da cabeça como o signal perdido da minha ventura passada. Depois da sua morte, doutor (esta lembrança é horrivel) depois da sua morte, vós o sabeis, considerei-me como eliminado do mundo. Fatigava-me a luz do sol, ja nao sentia a vida. Tinha-me tornado igualmente insensivel aos prazeres e ás dures desta terra. Proseguia na existencia sem ter hum fim e sem alimentar desejos, fechando os olhos e os ouvidos a todas as bellezas e a todas as harmonias da natureza. Cria sinceramente que este estado

duraria sempre e que o romance do meu amor começado pela pessoa de Rosina, devia acabar com ella. Mas não succedeo assim: abriu-se diante de mim hum novo horizonte. Minhas azas querem soltar-se ainda meu coração recomeça de bater. Entretanto meu Deos! eu tinha jurado que mulher alguma substituiria Rosina eu tinha convertido o meu culto para com ella em huma arca santa na qual prometti sollemnemente não tocar. Mas falta-me este valor. E' a primeira vez que a lembrança de Rosina se torna impotente. Doutor não advinhais o que quero dizer?.. Amo Henriqueta de Luzval!

» Dissimulei o melhor que pude a minha surpresa ao ouvir esta estranha declaração do conde de Marne. Tentei moderar a sua exaltação e apresentar-lhe este projecto de baixo de hum ponto de vista menos romanesco e mais bem assente. Ouvia-me com reconhecimento, e ficou pavorado dos conselhos que lhe dei. Consegui persuadi-lo de que o seu casamento com Henriqueta nao prejudicaria em cousa alguma a memoria de Rosina, e que este segundo amor longe de causar o menor aggravamento á sua primeira paixão apresentava, pelo contrario, diferentes affinidades com ella. Deixei-o pois perfeitamente bem disposto. O caso era urgente. Corri á casa do cura, por que tinha precisão do seu ministerio. Contei-lhe brevemente o facto, e perguntei-lhe se me queria ajudar.

» — A sciencia disse-lhe eu, illude as difficuldades quando nao

pode vence-las. E' huma maxima que me vejo forçado a adoptar hoje. Não soube curar a monomania do conde de Marné mas offerece-se a occasião de dar a esta monomania hum character official e razoavel. Elle julga-se viuvo e quer justamente casar com sua mulher. Aproveitemos quanto antes este capricho, para obstar a que tenha algum outro que a lei não possa satisfazer.

» O cura sacerdote tolerante, e, alem disso, excellente homem, aventurou algumas objecções. Tornar a casar dous esposos por huma receita de medico parecia-lhe huma acção se não reprehensivel em si mesma, pelo menos aos olhos da religião. Gastou metade de hum dia a explicar-me a sabedoria dos estatutos da igreja e deste principio eterno: *Non bis in unum*. Para lhe desvanecer os escrúpulos convidei-o a ir consultar o bispo da diocese. Cedeo aos meus desejos; eu mesmo fui entender-me com o prelado e no fim de oito dias, o bom cura recebeu da séde episcopal a authorisação que desejavamos com tanto ardor.

„ Estes oito dias foraõ hum longo seculo para a condessa. Eu não quiz dar-lhe huma nova esperança senão quando tudo estivesse disposto para realisa-la. Ella desesperava com o meu silencio. Finalmente, quando tudo estava bem concertado bem concluido, tomei-a de parte e disse-lhe:

„ — Escolhei no vosso enxoval de casada o mais bello vestido que tiverdes e os mais ricos enfeites. Es-

ta noite haverá aqui grande funcção e neste momento arma-se e illumina-se por vosso respeito o altar da igreja.

Rosina não me comprehendia.

„ — Ide ide vestir-vos de noiva, ser-vos-ha restituído daqui a pouco hum dos vossos nomes... não o de Rosina... Rosina morreo mas sereis ainda mais huma vez condessa de Marné!

„ Com effeito nessa mesma noite Alfredo de Marné e Henriqueta de Luzval receberão a benção nupcial na capella do Mont-d'Or. Depois desta singular reconciliação estabeleceraõ-se definitivamente no Delphinado. Alfredo falla mais raramente de Rosina, e creõ firmemente que se casou duas vezes. Henriqueta nunca o deixa; serve-lhe de irmaã de amante e de familia. Ella vê bem que a felicidade de seu marido he hum sonho que a menor imprudencia poderia desvanecer. e está sempre de sentinella junto delle como hum pai ao pé de seu filho. Acalenta-o docemente na sua loucura. E' o anjo da guarda que o livra dos ataques mortaes; e quando huma boca indiscreta se abre por acaso para dizer diante delle huma palavra que possa avivar suas lembranças ou pronunciar hum nome que não deve tornar a ouvir, ella exclama assustada:

“ — Sentido!... elle dorme, não o acordem! „

Tal foi a narração que nos fez o doutor.

Durante ella, tinham-se suscitado tantos embaraços ao par cantor, que o cavalheiro e a dama estavam ainda no primeiro compasso. Desta vez,

porém, elle parecia decidido a vencer todos os obstaculos e articulou estas três palavras: *Dunque io son* com hum notavel denodo. Terião de certo continuado no mesmo tom até ao fim se não tivessem dado dez horas no relógio da casa. Nos banhos d'Uriage he o signal da despedida. Todos sahirão. Quanto a mim procurei com os olhos o conde e a condessa de Marné. Estavão ainda sentados hum ao pé do outro. Fixavão-se mutuamente os olhos, e suas mãos estavão juntas.

— Como são felizes! disse eu ao doutor.

— Estais enganado, respondeu elle abanando tristemente a cabeça. Não são completamente felizes, nem hum nem outro: o conde de Marné não se esqueceu ainda, junto de sua segunda mulher da felicidade que lhe deu a primeira; elle chora o passado. Quanto a Henriqueta ella não se illude: sabe que de futuro faça o que fizer será sempre a segunda no coração de Alfredo... Acreditai-me, a pobre mulher soffre muito... Henriqueta tem ciumes de Rosina.

### CORRESPONDENCIA

Mlms. srs. Redactores do Recrador.

Ignoro quem v.v. s.s. sejam, razão por que tambem ignoro se os srs. Redactores são calvos, ou não: No primeiro caso, supponho que do recebimento desta em diante, me serão v.v. s.s. sobremodo agradecidos em remuneração da excellente receita, que junta acharão. — Quando, porém, Deos, por alguma graça especial tenha conservado suas cabeças perfeitamente encabelladas, nem porisso me faltarão agradecidos: pois hoje, o numero daquelles que tem as cabeças mais lisas do que huma gar-

rafa, he minimamente grande. Ora, para estes, sei que o presente já vai tarde, e a más horas; porém para aquelles, que como eu, ainda achão onde passar hum pente, sem susto de fallar á verdade, affirmo, que fazendo elles (carecas) uso dessa divina receita, que aqui muito em segredo lhes vou ensinar, ha-o de colher bom resultado, isto he, no caso que não torquem a brotar novos cabellos, não ficarão sem o resto, o que já não he pequeno favor, e só porisso val o remedio quanto pesa.

Pela formula conhecerão os srs. Redactores, que fallo da milagrosa pomada de Mr. Dupuytren da qual fiz uso, reduzindo as quantidades indicadas na receita, e a isso devo não estar hoje com cabeça mais lisa do que huma bola de marfim, menos sujeita aos espinhos, e frio, que ja hia soffrendo.

Confesso eterna gratidão, e sympathia aos srs. medicos; sou lhes naturalmente affecto, mas a minha gratidão ao sr. Dupuytren, he incommensuravel. Julgo que o mesmo Sr. S. Pedro, se voltasse a este mundo, se não dispensaria de comprar a sua pomada.

Pomada de Mr. Dupuytren contra a queda do cabello.

Tutano de vacca — duas onças  
 Acetato de chumbo cristalizado — 20 grãos.  
 Balsamo peruviano — 40 grãos  
 Alcohol de 21 grãos — tres oitavas  
 Tintura de cantharidas — 9 gottas  
 — de cravo indiano } aa gottas 5  
 — de canella }

Faça pomada S. A. para fricções na cabeça todas as noites com huma porção do volume de hum azeite.

Faço votos para que todos sejam felizes, como en fui, com este remedio. Rogo aos srs. Redactores o obsequio de reservar hum cantinho no seu assaz bem aceito jornal, para fazerem girar por muitas mãs a sobredita receita, á qual digo: — *Vade in pace, et Dormians sit semper tecum.*

Barbacena etc. Sou dos srs. Redactores seu assiguante. (H. A.)



## ETYMOLOGIA DO MEZ DE OUTUBRO

Era este mez o oitavo no calendario de Romulo, e deoimo depois que Numa o reformou. Ainda hoje conserva o mesmo lugar, bem que alguns imperadores, e o senado romão intentassem por vezes muda-lo.

Os egypcios fazião neste mez huma festa, que intitulavão o *bastão do sól.* por acreditarem que esse astro precisava de arrimo, passado o equinocio d'outono. Os athenienses o celebravão tambem as thesmophorias em honra de Cérés, no mez de outubro. Seis grandes batalhas campaes, todas memoraveis por suas conseqüencias, fôrão dadas em diferentes epochas, e lugares, dentro deste mez: primeira a de *Salamina* em que os grêgos vencêrão os persas, libertando a Grecia do jugo com que a ameaçavão: segunda, e terceira as de *Issus*, e a *Arbelles*, em que Alexandre Magno venceu Dario, e se fez senhor da Asia; quarta a de *Philippes*, onde pereceu Bruto com os derradeiros republicãos de Rôma; quinta a de Constantino Magno contra Maxencio. nas margens do Tibre, em que os christãos combaterão valorosamente a favor daquelle principe, e concorrerão para elle alcançar huma victoria completa que o fez senhor de todo o imperio romano. He sabida a influencia desta batalha na propagação do christianismo: sexta a de Lepauto, que livrou a Europa, ameaçada pelo podêr othomano.

## LOGOGRIPO

Não sou besta no meu todo;  
Mas as bestas imitando,  
Syllabas quatro formando,  
Pobre se as forças me faltão;  
A primeira prognostica  
Noticia pouco agradável;  
Mas se ella he favoravel,  
Da segunda se demonstra.

A terceira he hum artigo,  
E tambem huma vogal;  
Duas e tres he signal  
Que de sêde se não morre,  
Fôrma a quarta d'harmonia  
Huma parte; co'aprimeira  
É cousa que bem não cheira,  
Mas nos campos se aproveita.  
Huma e quatro em si contém  
Cousas mui interessantes,  
Quasi sempre os viajantes  
A trazem bem recheada.  
Quarta e segunda dinheiro  
La nas terras indianas;  
Nas damas Circassianas  
Huma e huma he cou-a fina...  
Huma e tres he synonymó  
Da primeira e seu vizinho;  
E se se encontra no vinho,  
Quem o bebe faz cáretas.  
Terceira quarta e terceira,  
Foi hum rei de Dinamarca:  
Elle na historia se marca  
De mui nobre cavalleiro.  
Aos vates duas e huma  
Lhes faz a cabeça mona;  
Ainda que he monotona,  
No verso se faz precisa.  
Primeira, segunda e terceira,  
Heróe antigo romano,  
Que se fiou por seu damno  
De outro que elle mais astuto.  
Indica terceira e quarta  
O verso se cousa estupenda,  
E quem chama homem de venda  
Della faz uso tambem.  
Leitor, busca decifrar-me;  
E se de mim precisares,  
Na praça dos Romulares  
Me acharás prompto a servir-te.

A charada do numero antecedente he — falua —

Continuação da memoria sobre a cultura da baunilha.

1.º Deixa cahir grande parte de suas sementes nas preparações que fazem os pasteleiros, confeitadores etc., o que as torna menos limpas. 2.º Dá aos productos hum aroma, que por de mais intenso se torna hum pouco desagradavel. 3.º Servindo-se nas pastelarias de hum pedaço ou porção de baunilha, não sò huma mas repetidas vezes, acontece que, quando ella é aberta e empregada, absorve muito liquido na polpa, o que a faz apodrecer de pressa, defeito que se não encontra na do Mexico. Alem de que como ordinariamente são os perfumeiros que primeiro compraõ a baunilha, e depois que lhe estrahem a primeira essencia, vendem-na ás fabricas de chocolate, etc., resulta que, sendo o fructo aberto, o alcohol que elles empregãõ para dissolver a parte mais volatil' e aromatica, dissolve em excesso a baunilha, entrando pela polpa, e assim a inutilisaõ e deterioraõ para aquelle segundo uso ou emprego.

Mas por acaso não poderemos obter tambem a nossa baunilha fechada, como a dos Mexicanos? Cremos que sim com tanto que façamos huma plantação regular dessa planta. Em verdade, se lembrarmos-nos que os fructos dehiscentes ou que se abrem naturalmente quando bem maduros são inteiros ate uma epoca antes da completa maturidade, e que a esse tempo a colheita pode ser feita, não teremos duvida em admittir que esse inconveniente desappareerá. Julgamos pois que a nossa baunilha é aberta porque, abandonada nos matos, ninguem vela sobre a sua colheita, que como dissemos, parece-nos deve ser feita antes de sua completa maturidade.

Colhida a baunilha, necessita ella algum preparativo para ser exportada para a Europa?

A que vendemos em Pariz não teve preparação alguma, a não queremos fallar de hum pouco de assucar em que infelizmente se lembrãõ de envolve-la, e que só causou-lhe damno, e não obstante, era bem aromatica, e boa --- E' porem convicção nossa de que a preparação que fazem os lavradores do Mexico deve concorrer para a melhor conservação dos seus principios aromaticos.

Qual é pois esta preparação, e será tão complicada que nos faça desanimar na nossa empresa?

Huma vez colhidos os fructos, o lavrador mergulha-os instantaneamente na agua quente, e suspende-os em huma corda para os deixar enxugar e seccar por alguns dias ao ar livre. Depois de seccos e antes de encaixotar e envolver em folhas finas de chumbo, elle dá sobre todos os fructos huma tenue camada de hum oleo vegetal. Ignoramos qual seja este oleo, que parece-nos entretanto ser o da noz; mas, visto que é elle pouco importante por ser em muito pequena quantidade, e só com o fim de impedir a evaporação dos principios aromaticos, e a introdução do ar pelos poros da baunilha, o oleo de amendoas fino e sem ranço poderá muy bem substitui-lo.

Depois, não é huma difficuldade essa insuperavel. Pensamos que as pessoas que se interessarem poderão saber ao certo qual o oleo que mais facilmente teremos ao nosso alcance, com menor despeza, e que melhor convenha para a nossa empresa.

Aqui condemnaremos de novo como muito nocivo o costume que tem os nossos lavradores que por acaso colhem alguma baunilha, de cobri-la com assucar; que outro resultado não produz senão fermenta-la, azeda-la e por tanto rejeita-la do commercio. Achamos tambem conveniente insistir em que o mais minucioso trabalho seja empregado no arranjo e disposiçãõ da baunilha destinada à exportaçãõ, não sendo isto huma cousa muito secundaria nos mercados estrangeiros. Os negociantes desta praça sabem perfeitamente que os generos que chegam bem tratados, bem dispostos e bem acondicionados obtem melhores preços, e mais promptamente, do que aquelles que vem atirados a esmo em caixas, sem alguma ordem e limpeza. A Bahia tem huma liçãõ pratica nos seus assuacares, que achamõ menores preços, e ficaõ por mais tempo em deposito nos mercados da Europa do que os de Pernambuco, pelas toscas e más caixas em que os enviamõ o que se pode tambem afirmar dos algodões e couros da mesma provincia, que são menos limpos do que outros do nosso paiz. Portanto, bem que isso pareça minucioso, não pensamos que são esses pormenores inuteis: pelo contrario, somos de parecer que elles muito importaõ ao fim para que traçamos estas linhas, e vem a ser, que o producto agricola de que nos occupamos encontre nos mercados estrangeiros bom preço, e prompto consumo.

Advertimos pois que os fructos envolvidos em folhas finas de chumbo e acondicionados em caixas de folha, ou outras que o tempo e a experiencia classificaramõ como as melhores, mereceramõ no commercio mais do que se não pozem grande cuidado nisso.

*Deixará interesses a baunilha aos lavradores que em sua cultura se occuparem ?*

Julgamos que sim: e se não fôra o receio de prometter exageradamente, disseramos que a cultura da baunilha assegura riqueza aos lavradores que a quizessem plantar em grande. Quaes são os fundamentos que nos levaõ a aventurar huma opiniaõ que poderá ser prejudicial aos que trabalham pelo nosso progresso agricola, e que por ventura a quizessem apprehender ?

Não podendo apresentar hum calculo em que figurem de hum lado a compra do terreno, as despezas para a semente da planta o emprego dos braços, despezas da colheita, encaixotamento, transporte, frete do navio, direito de importaçãõ, commissões de agentes, perdas provaveis, e juro de capitaes, e de outro lado o preço porque o genero pode ser vendido na Europa para abater deste o importe daquelle, pois que não nos è isso possivel, como fa-

oilmente se comprehenderá, limitar-nos-hemos a expôr o preço por que se vende a baunilha do Mexico em Pariz, e o porque vendemos a que nos foi remettida de Sergipe.

O preço da baunilha do Mexico é variavel, segundo a sua qualidade e segundo a abundancia que della existe no mercado. Varia de 80 a 100 francos por libra; o que faz tomando o preço medio de 100 francos com o cambio actual de 375 rs. o franco, a quantia de 37U500 rs por huma libra de baunilha !!!

Assim, huma libra ou 16 onças de baunilha vende-se em Pariz por 37U500 rs. !! Quizeramos talvez que ella se vendesse apenas por 10:000, para dizê-lo com mais liberdade; mas devemos guardar neste nosso esboço toda a verdade, e por isso diremos que è por 100 francos ou 37U500 rs que hum mercador de retalho compra ao negociante em grosso para vender ao publico por hum preço ainda mais exorbitante.

Venderemos nós a nossa baunilha por esse preço? Nao. Sobretudo a que colhermos selvagem nos nossos matos pelos inconvenientes proprios dos productos agricolas, que não são obtidos de huma plantaçã regular, alem dos de mais, que ja assignalamos; e que desaparecerã em parte, senão completamente, para ao diante

Qual é pois o preço que achamos em Pariz pela baunilha que recebemos? 20 francos por huma libra ou 7U500 rs.

Adiamos pois 7U500 rs. por huma libra de baunilha de huma especie differente da que o commercio estava acostumado a receber e a vender; por huma libra de baunilha, que tinha o grande inconveniente de ter vindo aberta, de estar coberta de assucar, de ter sido colhida em differentes periodos de maturidade, de ir em huma má caixa de folha de Flandres, arranjada sem ordem, e offerecida por hum particular aos perfumeiros e mercadores de retalho, e obtivemos pela pequena caixeta, contendo 16 libras de baunilha colhida nos matos da Cotinguiba, o preço avultado de 320 francos ou 120U000 rs !! Pois 120U por huma pequena caixeta de 10 polegadas de altura sobre palmo e meio de comprido, e 12 pollegadas de largura não é ja hum preço enorme á vista da despeza provavel? E que preço não obteremos nós pela que mandarmos plantada regularmente, colhida em tempo proprio convenientemente tratada, encaixotada com cuidado, e vendida por negociantes entendedores, e não por nós, que, como estudante em Pariz, e estrangeiro, não podiamos apurar preços e nem usar das argucias do homem do commercio?

E' de esperar que hum preço de 50 a 70 francos pelo menos se obtenha. E se plantarmos huma extensaõ de terreno sufficiente para produzir somente doze arrobas de baunilha, o que não è certamente huma quantidade exorbitante, e que a vendamos a 60 francos a libra ou 22U500, não teremos 8:640U, se nos é permitido fazer hum calculo aproximativo?

Por mais que sejaõ hypotheticos estes nossos calculos, fica co-

mo certo que a maltratadissima baunilha de Sergipe produzio-nos 7U500 por libra, o que faz por arroba 240U, que a nossa bem plantada e bem arranjada produzirá seguramente de 50 a 70 francos, o que faz [ termo medio 60 francos ] 720U por arroba. O direito de importação que pagamos em França por cada libra foi de 50 seldos ou 937 rs.

Não nos cansaremos mais em demonstrar o avultado interesse que nos pode resultar de huma semelhante lavoura. Sua importancia nós a sentimos profundamente, e desejamos, sem outro interesse mais do que o engrandecimento do nosso paiz, que aquelles cujos meios permitissem huma semelhante empresa, não deixassem escapar-lhes huma tão bella occasião de prestar hum serviço á sua nação, a cuja gratidão elles terão direito hum dia, bem como aos suffragios de seus concidadãos.

Se ha estrada nobre e de esperanças para onde a mocidade brasileira se deve lançar, è certamente a da agricultura. Quem melhor do que ella nos pode liberalisar maiores e mais verdadeiros bens? No nosso paiz talvez deve ella preceder de muito á industria mesmo. Despertar-lhe o amor da lavoura, desviando-a da direcção viciosa que ella leva ao presente, seria hum trabalho digno dos nossos homens de saber e poder.

Reconhecemos não ter feito hum trabalho completo: sabemos que muitos pontos ficão ainda por examinar: sabemos que mais prudente fôra nada escrever do que publicar hum escripto imperfeito; mas de passagem nesta corte, quizemos antes de retirar-nos á nossa provincia da Bahia dar huma prova de que fôra da nossa patria nos occupámos de alguma cousa que nos pareceo ser-lhe util. Se nossas esperanças não passarem de hum sonho, conrolar-nos ha o prazer de ter posto em contribuição os nossos pequenos mas desinteressados esforços

Se faltamos á exactidão em alguma parte deste pequeno esboço, rogamos às pessoas que o notarem se dignem fazer-nos oons-tar particular ou publicamente. Mostrar-nos-hemos, quanto nos for possivel, doceis a rectificar ou esclarecer nossas asserções, ao paço que lhes ficaremos cordialmente gratós. Tambem nos offerecemos com a melhor vontade a dar, ácerca do nosso objecto, esclarecimentos mais particulares a quem julga-los uteis.

Rio de Janeiro

*Dr. Antonio Jose Alves,*